

## 2008 - Só não assomaram os jornalistas...

Só não assomaram os jornalistas&hellip;  
por: Eugénio Costa Almeida©

Como previsto o novo livro de Ana Paula Castro, &ldquo;Sou Jornalista, Você é Árabe?&rdquo; teve ontem a sua aparição pública na FNAC-Chiado. Tal como previsto foram apresentadores do romance Orlando Castro, que abordou a vertente &ldquo;jornalismo&rdquo;; este vosso escriba que abordou a obra em questão (conforme podem ler no blogue Alto Hama &ndash; como se para o autor não houvesse nada de mais importante em África ou em Portugal para ele analisar, do que perder o seu precioso tempo em publicar rabiscos que só interessam ao ego do autor e à simpatia da autora &ndash;) e, como a inicial e oportuna &ndash; não prevista de início &ndash; intervenção do Sheikh Munir, Imã da Mesquita central de Lisboa, que também prefaciou o romance.

Se a minha intervenção foi claramente uma abordagem do romance, como já referi, se a intervenção curta e intimista do Sheikh se relacionou com os contactos preambulares entre ele e a autora que acabaram num simbólico e objectivo Prefácio, a intervenção de Orlando Castro centrou-se num axiomático queixume sobre o actual jornalismo e como o jornalismo parece desaproveitar a cultura.

Tal como Orlando Castro constatou &ndash; e como ele, também os restantes presentes &ndash; abrangendo a obra a vertente &ldquo;Jornalismo&rdquo; excepto ele, que estava na mesa como orador, só estavam presente na sala (totalmente cheia, diga-se) mais dois jornalistas que lá estava não como profissionais do sector, mas como amigos da autora.

Mau, muito mau, como fez questão de lembrar Orlando Castro.

É certo, e aqui abre-se um parêntese, que a Lusa procedeu à sua divulgação para o espaço jornalístico, tal como acabou referenciado no Diário Digital. Que o Jornal de Notícias deu uma pequena informação na sua página cultural, mas, quanto ao resto, foi um deserto de quase muito nada! Naturalmente, também o Notícias Lusófonas deu o destaque que a autora merece.

É evidente que se Ana Paula Castro fosse uma pivot ou uma analista da televisão, a gula daqueles que querem tirar umas chapas ou imagens para a posteridade estariam presentes. Não estiveram e foram quanto perderam.

Na composta sala estavam lá gentes do meio político, intelectual e artísticos lusófonos, nomeadamente de Angola, Portugal e Moçambique, pelo menos que me recorde de imediato.

Por isso não surpreendeu as palavras sentidas de Orlando Castro na linha daquilo que ele vem combatendo há bastante tempo sobre a discrição do jornalismo face à forte emergência dos produtores de conteúdos, normalmente mais utilizados pela maioria dos órgãos de comunicação social.

Talvez seja mais rentável a compra do produto já feito, embora não creio que seja mais produtivo &ndash; pelo menos culturalmente &ndash;; quando se lê em alguns jornais que, por exemplo, a causa maior das mortes em Moçambique se deve à queda dos cocos, ou quando se afiança que a carta escrita pelos pais de Savimbi (infelizmente, na altura, já falecidos mas que talvez tenha emitida do além e recepcionada por uma reconhecida quiromante local, ou internacional) teve o condão de condoer os congressistas presentes num Congresso da UNITA, ou ainda que tivemos a comemoração do cinquentenário dos 40 anos dos Beatles, ou reportagens como &ldquo;Os trabalhadores portugueses têm vindo a perder poder de compra face ao 30 países da OCDE&rdquo;; ou o que foi dito numa televisão portuguesa ter havido &ldquo;o abandono de uma criança, pela própria mãe, «quase à nascença»&rdquo;; ou que &ldquo;a viúva tinha o marido desempregado&rdquo;; ou.. ou....

Enfim, ou seja e de uma forma livre, há quem ache ser mais interessante falar do cão mordido pelo homem que falar ou escrever sobre a sistemática violação de inúmeros direitos humanos!

Se isto é jornalismo, compreende-se o lamento daqueles que são mesmo Jornalistas que ainda se vão mantendo, estoicamente, como um dos dois convidados-presentes afirmou ontem, &ldquo;estão alertas 24 horas como um médico ou um polícia&rdquo;; ou aqueles que já não querendo ser meros &ldquo;dactilógrafos&rdquo; preferem bater com a porta e enveredar por outras profissões.

Felizmente ainda há quem vá tentando, por dentro, provar que o Jornalismo, pode ser &ndash; é &ndash; uma profissão com letra maiúscula.

Mas, até quando?

Ou será que para sobreviverem cerebralmente incólumes &ndash; reconheçamos que o corpo e a família não (sobre)vivem só do ar &ndash; terão de facto de mudar de profissão (como se isso fosse possível, dado que em alguns países ditos avançados, quem tem mais de 35 anos já é velho para mudar, ou recomeçar, e muito novo para se reformar)

ou transvestirem-se de ensaístas e publicarem crónicas, artigos e entrevistas em livro porque sabem que nos principais órgãos informativos nem sempre podem-no fazer.

Ou porque colide com o poder instituído, seja a cor dele que for, ou porque as forças económicas que apoiam os ditos órgãos comunicacionais não gostam de ler notícias que não lhes seja bajuladoramente favoráveis, seja porque o país X ou Y veta determinado jornalista porque este se terá esquecido de aceitar uma qualquer, e meio choruda, lembrança para se calar ou só bem dizer dele, do país, e dos seus dirigentes.

Até quando?

4/Julho/2008©Publicado no Notícias Lusófonas, na rubrica "Colunistas" em 4.Julho.2008,  
(<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=21277&catogory=ECAAlmeida>)